

MAFRA CARBONIERI: *O Motim na Ilha dos Sinos* e outros livros

José Raimundo Gomes da Cruz

Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

Alguns anos atrás, li cinco livros então recentes do nosso antigo colega de Ministério Público, José Fernando de Mafra Carbonieri, que, após alguns anos como Juiz do Tribunal de Alçada Criminal, pelo chamado quinto constitucional, dedica-se, agora, com exclusividade, à literatura.

Os mais antigos dispensam apresentação. Sabem que o Mafra sempre exerceu o ofício de literato, tendo obtido prêmios do Governo do Estado de São Paulo, tanto por seus contos, quanto por sua poesia, nos anos 60. Em 1972, conseguiu o invejado prêmio do Concurso Nacional de Contos do Paraná. Hoje, parece que nada se assemelha a tal conquista, em prestígio e mesmo na quantia, que permitia até a aquisição de algum imóvel em praia do litoral paulista.

A vocação do Mafra se confirma em todas as direções. Senhor de estilo de rara elegância, ele associa ao rigor descritivo a sutileza de ironia poucas vezes encontrada, com tanta espontaneidade e frequência, em outros autores nossos.

Falarei mais do romance, obra de 600 páginas, com evidente equilíbrio entre o altíssimo nível da forma e do conteúdo. *O Motim na Ilha dos Sinos* foi lançado em 1998, no Salão Internacional do Livro, aqui em São Paulo, tendo obtido o Prêmio Octavio de Faria para romance publicado (UBE, Rio, 1999). Sua editora (de Porto Alegre) se chama Mercado Aberto (em São Paulo, fones 8758639 e 8757166). A edição é de 1997.

A reflexão crítica se manifesta a começar da marginalidade e da exclusão dos personagens principais e coadjuvantes: todos aqueles mais diretamente envolvidos com a criminalidade. Por falar em crime, marginalidade e ironia, lê-se, à p. 120, através de um dos personagens: “Há criminosos e marginais. Os criminosos cometem crimes que podem ou não ser punidos. Os marginais são punidos, cometam ou não crimes.”

O motim acontece na penitenciária da Ilha dos Sinos, precedido dos fatos em que se envolvem bandidos e policiais com policiais bandidos. A ficção de 1977 contava a agravante do autoritarismo reinante. O poder corrompe e o poder absoluto corrompe de modo absoluto, já afirmou alguém. Democracia com porões ou outras desculpas concorre, remotamente, para a manchete do Jornal da Tarde, de 17/1/2000: POLICIAIS ACHACAM BANDIDOS COM PREÇOS “TABELADOS”.

Resquícios da tal banalidade do mal, expressamente referido por outra personagem: “O bem e o mal não diferem entre si... O mal é apenas a degeneração fatal do bem” (p. 26). Em essência, a frase de Chesterton, tão repetida por Alceu Amoroso Lima, nos últimos anos de sua vida: “Os pecados não passam de virtudes enlouquecidas”. Há ambientes e épocas mais propícios aos pecados e crimes.

As citações, anotadas às dezenas, de modo algum traduzem destaques que possam sugerir restrição mental quanto àquilo que deixou de ser lembrado. Não me recordo de expressão ou frase menos literária, já que também se afirma que literatura não se faz com bons sentimentos, mas com palavras. Só alguns exemplos: “As penitenciárias se resumem a horário e a contagem de presos. Tudo se organiza de modo a que as horas e os detentos não possam fugir.” (p. 36) “Meu Deus, a eternidade não passa.” (p. 40) “Os gatos escondem os seus dejetos. Para isso também servem as autobiografias.” (p. 66) “– Qual a diferença entre o estupro e o atentado ao pudor? ... – Cinco centímetros – ...Esses crimes não devem ser cometidos no escuro. Serei sempre um inimigo dos desvios da reta intenção.” (pp. 76/77). “Conheço penalistas que escrevem e publicam por motivo fútil. Não há jurisconsulto com emprego público que não retenha no tinteiro, pronta para sair, uma obra do ócio e dos vagares, por exemplo, *Da Legítima Defesa*. Divulgam o óbvio com formulários e pagam a edição com a pecúnia das férias acumuladas.” (p. 84) “Aos que apregoam ser a religião a ciência dos ignorantes, eu pergunto: esta, por acaso, seria uma humanidade de sábios?” (p. 105) “Largaram o pau numa operação de rotina. Um cara de boina me explicou que era preciso testar uns cassetetes importados.” (p. 203) “Inquérito só se transforma em processo por falta de negociação.” (p. 204) “Quartelada só é crime político quando fracassa... Apenas tentado o golpe de Estado, é um delito. Consumado com êxito, inclui a glória e exclui a ilicitude” (p. 208) “Com a ditadura não há quem não tenha medo de soldado. Mesmo num desfile de modas, basta aparecer uma túnica meio verde para que o rego civil se aperte... A caterva não distingue entre o Exército e a polícia. Por quanto tempo uma ditadura militar se prolonga? Como se conserva o medo coletivo?” (p. 229) “Claro que não eram comunistas. Luciano preparou uma carta anônima, acusando-os de terrorismo latente, e endereçou-a a um promotor da Comissão Especial de Investigações.” (p. 230) “Réu pobre é assunto de sociologia... bandido rico não é bandido.” (p. 240) “Eu lhe apresento Manuel de Matos Peixoto. Ele faz parte de nossa equipe e se dispõe a mentir a seu favor onde for necessário.” (p. 261) “... extorsão mediante seqüestro, lindo crime, porém, o mais seguro seria fazer tudo sozinho: o crime perfeito não admite cumplicidade” (p. 271) “Tem havido certa carência de bandidos confiáveis em São Paulo.” (p. 281) “...meu dileto e eficaz escrevente, bom foi o que aquele promotor lançou ontem no arremate dumas contra-razões: *Pela cabal manutenção do rútilo veredito invectivado*.” (p. 283) “Sou culpado de chamar a polícia. Reverendo, me fale com sinceridade, eu mereço perdão?” (p. 301) “A proibição do crime, na lei, não passa de um arreglo como qualquer outro. Não é por estar nas codificações humanas, tão precárias, que ela deixa de ser um acordo entre proprietários. Porém, sou contra o pecado.” (p. 407) “Desse seqüestro eu isento as autoridades. Portanto, eliminados os profissionais, sobra a escória, os primitivistas do golpe, os autodidatas da infração, os oportunistas sem outro estatuto a não ser o Código Penal e as Normas Gerais do Regimento Penitenciário, em suma, os ingênuos da indústria doméstica do crime.” (p. 411) “Não me espantaria se a esta altura o garoto já estivesse morto, não por maldade, mas por acidente. Fossem policiais os autores do delito, o menino só morreria por motivo justo.” (p. 412) “A única coisa que me aborrece, no caso de estar morto o garoto, é que os seqüestradores podem abandonar o projeto, você sabe, o fenômeno do arrependimento ineficaz.” (p. 413) “No meu caso, o Leo, que me prejudicou na carreira, se ele não estivesse gastando na Europa a verba que fez aqui com suborno, seria o meu suspeito predileto.” (p. 448) “Independentemente do regime, seja

militar ou não, existe sempre a *organização parapolicial*: dum lado com os alcagüetas e assemelhados, e de outro com os coletores do pedágio. Dessa raça derivam os heróis do Esquadrão da morte e os para-militares. Agem todos em nome de sua democracia peculiar e elegem os seus senadores.” (p. 460) “Maldita década de setenta.” (p. 525) “Logo que a reportagem da TV anunciou o motim, no meio da tarde, Giba tentou explicar a Ferreira um ponto de vista sobre a semelhança entre os levantes da Ilha de Anchieta e da Ilha dos Sinos... São duas Ilhas do Atlântico. Da Ilha dos Sinos só se foge para morrer. Isso também se propalava sobre a Ilha Anchieta. Chega-se lá pelo Boqueirão, um estreito de águas bravias que nenhum nadador se atreveria a cortar. Porém, na noite de 20 de junho de 1952, o desespero invadiu a lenda e liquidou com ela... Recordamos na reunião, com tristeza, que quando funcionava o presídio na Ilha Anchieta, as glebas de Ubatuba não valiam nada... Com a desativação, o dinheiro civilizou aquelas praias.” (pp. 565/572) “Só os cétricos merecem a oração... Ou você pensa que Deus aprecia a onisciência dos ignorantes, a onipotência dos crédulos, a onipresença dos insignificantes? Quem, a não ser o apóstata, busca a esperança e a redenção no rastro sujo do absurdo e do grotesco? Rezar, José Lourenço Schopenhauer, é dividir com Deus uma culpa e uma dúvida.” (p. 596) “Se o crime não compensa, muito menos a sua investigação. Troco a polícia pela política partidária. Agora serei inocente por lei e não mais por minha astúcia pessoal. A lei é a astúcia do grupo, meus filhos.” (pp. 598/599).

Quanto a mais amplas passagens antológicas, indico, também de modo meramente exemplificativo, as seguintes: às pp. 205/6, a descrição da oficina; às pp. 245/263 e 270 a colisão com morte entre a Mercedes de luxo e a Kombi do feirante: “montagem” da culpa da vítima humilde; às pp. 291/301 o tópico Boletim de ocorrência, do Cap. XII; às pp. 408/416, sobre a revelação do seqüestro; às pp. 504/509, referência ao caso Herzog.

Antes de terminar este comentário, farei referência aos outros quatro livros do Mafra. *A Flauta Lógica*, obra de literatura infantil (2. ed. Porto Alegre: Gente do Livro, 1997) eu já lera nos anos 80, na sua primeira edição. A rica criatividade do Mafra fica a serviço de reflexões como a seguinte, feita pelo gato Damião, um pensador, ao menino Zico: “Às vezes – ele confessou – eu fico em dúvida se estamos mesmo no século XX, quase XXI. Tanta violência no mundo. Tanto desrespeito pela liberdade. Tantas honras parasitárias. Desentendimento. A tirania, dentro e fora das casas.” (p. 72)

Outro livro infantil: *O Menino de Letras* (Porto Alegre: Gente do Livro, 1997), com os mesmos personagens do primeiro. O mesmo Zico resolve dedicar-se à literatura, embora ciente de que os “bons costumes mandavam dificultar cada vez mais o aparecimento de escritores, vagamente confundidos com alucinados e vadios.” (p. 15) “Com a cautela e a inércia dos parasitas, não se mexeu até que amanhecesse. Queria ter a certeza de que nada mudaria outra vez. Afinal, ele ia refletindo, isso acontecera antes com os sapos que, embora não conseguissem chegar a bois, tomaram facilmente a forma de príncipes desencantados – com castelo para encastelar e povo para extorquir”. (p. 35) “Há obras que não valem nada; e como o castigo vem a cavalo, a trote, a sociedade se vingará dessas publicações, esquecendo-as”. (p. 94)

Absurdo Mundo é o título do terceiro livro infantil (Porto Alegre: Gente do Livro, 1998). O menino Zico, que mora com os tios, ouve da tia: “Eu sou eu e minha utopia”. “Como assim?” A tia disse: “Só os ignorantes se contentam com a realidade acanhada. Eu seria incompleta se não tivesse sempre algum fantasma para assombrar”... “Ou qualquer imagem a ser vencida pelos meus pincéis”. Aparece citação literária: “Deus existe mesmo quando não há.” (p. 20). Existe saudável nostalgia: “Era no tempo em que as mulheres usavam tranças e fitas; portanto, os casamentos duravam anos.” (p. 84) Fica importante mensagem: “De tempos em tempos a humanidade, não como um todo, mas pela maioria de seus vadios, assaltantes, tiranos e parasitas, perde a intuição da vida e parece regredir. Claro, isso não deve desalentar a fé que sempre sobrevive no meio de alguns, e nos garante a todos. A fé, ou mera esperança, que às vezes parece sumir como fogo na tempestade, resiste aqui, em nossa casa, em nossos livros, esconde-se em nosso peito, e impede que nos mandem de volta às cavernas. Já fomos expulsos do paraíso. Seremos também expulsos do inferno?” (p. 113)

Enfim, cabe rápida referência ao livro de poemas *Cantoria de Conrado Honório* (Porto Alegre: Gente do Livro, 1998). Mas apenas para pinçar do poema *Alberto Caeiro Revisitado* dois versos: “O melhor lugar da casa é a casa inteira...Cedo aprendi que o melhor da mulher é a mulher inteira.” (p. 22)

Talvez eu me repita, mas também o melhor do romance e mesmo da obra do Mafra é a obra inteira.